

# *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

## **Traços galegos e não galegos do dialecto fronteiriço de Xalma (manhego, lagarteiro e valverdeiro)**

Juan M. CARRASCO GONZÁLEZ<sup>1</sup>

### RESUMO

Os falares fronteiriços de Xalma, classificados como dialecto português desde os primeiros estudos de José Leite de Vasconcelos, originados por uma repovoação galega nos séculos XII-XIII (como demonstrou Lindley Cintra), bem descritos modernamente por especialistas como Clarinda de Azevedo Maia, levantam um grande problema de filiação, nomeadamente por causa de novos estudos que tencionam aproximar este dialecto do galego moderno (tal é o caso dos trabalhos de Xosé Henrique Costas ou Fernández Rei, entre outros). Nesta comunicação analiso a atribuição ao galego (ou a uma evolução autónoma) dalguns traços que, em minha opinião, têm origem no contacto com o português, o leonês ou o castelhano.

**PALAVRAS-CHAVE:** língua portuguesa; dialectologia; falares fronteiriços; contacto de línguas

### **Introdução.**

Os falares de Xalma constituem um caso único entre os dialectos históricos da língua portuguesa ou, melhor dizendo, do bloco românico galego-português. Queremos salientar com esta afirmação que, no momento da constituição da língua galego-portuguesa arcaica, quando aparecem os primeiros textos escritos e o primeiro padrão culto ou literário da língua, os falares de Xalma, que faziam parte dessa antiga língua medieval, vão seguir caminho muito diferente daquele que irá dar lugar ao português por um lado e ao galego por outro.

Como se sabe, dentro de Portugal, a sua diferenciação linguística vai ser determinada pelo maior afastamento que origina a influência da corte meridional (em Lisboa) sobre as formas mais conservadoras que permanecem na região originária da língua, a norte do rio Douro. Deste modo, as variedades dialectais do português continental vão distribuir-se de Norte a Sul do país constituindo, segundo Lindley Cintra (1971), dois grandes grupos dialectais: o grupo setentrional, mais conservador, e o grupo centro-meridional, onde surgem as grandes inovações linguísticas que, em grande parte, passam à língua padrão já desde fins da Idade Média. É bem verdade que

---

<sup>1</sup> Universidad de Extremadura, Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Lenguas Modernas y Literaturas Comparadas, Avenida de la Universidad s/n., 10071 Cáceres, España, jcarrasc@unex.es.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

muitas das mudanças que aparecem no centro e no sul de Portugal vão ser travadas pela normativa literária, de tal modo que nunca chegarão a fazer parte do português culto: as vogais mistas ou a redução dos ditongos “ei” e “eu” são dois traços bem difundidos histórica e geograficamente dentro e fora de Portugal continental que podem servir de bons exemplos para compreender que a força inovadora do centro e do sul ultrapassa em muito o que a língua da corte foi capaz de admitir.

Quanto ao galego, perdido o padrão culto, esteve submetido à influência castelhana desde os últimos séculos da Idade Média, especialmente a partir do século XV. Sem uma norma *standard* e desligado por completo da língua falada a sul do rio Minho, o galego viu-se reduzido a um uso oral em ambientes rurais. Os pontos de irradiação cultural e linguística na Galiza, as grandes cidades como Pontevedra ou Santiago, funcionaram como centros de difusão da língua espanhola. Deste modo, o galego não se viu homogeneizado por uma língua padrão até ao século XX e conservou a distribuição dialectal herdada da latinização. É por isso que reflecte perfeitamente o *continuum* linguístico das variedades constitutivas da península Ibérica, de Oeste a Leste, de tal modo que os dialectos do galego vão constituir-se em três grandes blocos verticais: o bloco ocidental (aproximadamente coincidindo com as províncias de Corunha e Pontevedra), o bloco central (grande parte das províncias de Lugo e Ourense) e o bloco oriental, a ambos os lados da raia fronteiriça com Astúrias, Leão e Zamora (v. FERNÁNDEZ, 1990, esp. pp. 106-160).

Não existem variedades galego-portuguesas na península Ibérica que, originárias do galego-português comum falado nos séculos XII e XIII, não tenham evoluído em conformidade com a descrição acima referida dentro do âmbito do galego ou dentro do português excepto os falares de Xalma. Sabe-se com absoluta certeza que esta região da Serra de Gata, no extremo norte da província de Cáceres, foi reconquistada pelo reino de Leão no fim do século XII, tal como a antiga região do Riba-Coa. A documentação antiga e os traços modernos do dialecto parecem demonstrar que as três aldeias do vale de Xalma (San Martín de Trevejo, Eljas e Valverde del Fresno) foram repovoadas então por galegos, em convívio com povoações vizinhas repovoadas por leoneses, acontecendo o mesmo nas localidades do concelho do Sabugal e, supostamente, de todo o Riba-Coa, como estudou Lindley Cintra a partir da análise linguística da

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

documentação histórica (v. CINTRA, 1959) e como Clarinda de Azevedo Maia ratificou posteriormente no seu estudo monográfico sobre os falares fronteiriços daquela região (v. MAIA, 1977). Os reinos da Galiza e de Leão estavam então unidos, e o rei de Leão, que era também rei da Galiza, repovoava as terras conquistadas aos muçulmanos com gentes provenientes dos dois reinos. A mistura de repovoadores galegos (falando galego) e leoneses (falando leonês) era o que acontecia sistematicamente na reconquista do reino de Leão até produzir-se a união definitiva com o reino de Castela em meados do século XIII.

Nos séculos posteriores houve uma assimilação por parte da língua oficial: o português na parte que ficou dentro de Portugal (por exemplo, no Sabugal estudado por Clarinda de Azevedo Maia) e o castelhano nas províncias espanholas. Só numa região tão conservadora e tão afastada como é o noroeste da província de Cáceres e o sudoeste da província de Salamanca é que encontramos restos da antiga presença linguística leonesa e galego-portuguesa ainda no século XX. A conservação dos falares de Xalma não é, portanto, caso único nesta região. Algumas localidades vizinhas da província de Salamanca conservaram o seu leonês de tipo oriental perfeitamente até à segunda metade do século XX (v. IGLESIAS, 1982). Por outro lado, todo o quartel norocidental da província de Cáceres, onde se encontra o vale de Xalma, possui um castelhano enriquecido com traços leoneses, o que vulgarmente se conhece como fala *cahtúa* ou *castúa*, muito embora a presença de traços leoneses possa ser constatada numa região mais ampla, como se pode ver, entre outros, nos trabalhos de Manuel Ariza (2008, esp. pp. 19-30) ou de Pilar Montero (2006, pp. 13-31 e 65-67). Por conseguinte, os falares de Xalma conservaram-se porque estavam “protegidos” da língua oficial a oeste pelo português falado do outro lado da fronteira e, no restante perímetro de Xalma, pelo leonês falado em Cáceres e em Salamanca até época bastante recente.<sup>2</sup>

Nem a origem dos falares de Xalma (a repovoação de galegos em período linguístico do galego-português arcaico), nem a sua conservação moderna (semelhante ao que tinha acontecido com antigos falares leoneses daquela região) levantam actualmente nenhuma dúvida. Diferente caso é o de estabelecer a história evolutiva

---

<sup>2</sup> Veja-se o que já disse a propósito disto (CARRASCO, 2000, esp. pp. 150-151).

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

deste falar e decidir a sua correcta filiação como dialecto.<sup>3</sup> Note-se que não se trata apenas de um problema científico, porque uma proposta de considerar estes falares como um dialecto do galego levou a diferentes iniciativas por parte de diferentes instituições da Galiza com o intuito de solicitar a normalização linguística daquelas aldeias seguindo o modelo do padrão do galego moderno. A *Secretaría Xeral de Política Lingüística*, a instituição do Governo Galego responsável pela defesa e difusão da língua galega, considera que os falares de Xalma fazem parte das "Áreas galegofalantes de fóra de Galicia" e que aí deviam ser promovidas acções para a «protección e promoción da lingua galega»:

Na comunidade de Extremadura existe tamén un pequeno núcleo (Val do Xálma) de tres lugares nos que se fala unha variedade da lingua galega: Valverde do Fresno, As Ellas e San Martiño de Trebello [sic]. O galego destes territorios parte dunha situación de desequilibrio con respecto ao da Galicia administrativa, tanto no recoñecemento dos dereitos lingüísticos dos falantes como nas medidas de protección e promoción da lingua galega. (*in* [http://www.xunta.es/linguagalega/areas\\_galegofalantes\\_fora\\_de\\_galicia](http://www.xunta.es/linguagalega/areas_galegofalantes_fora_de_galicia), a 30 de agosto de 2009).<sup>4</sup>

### **Traços supostamente galegos.**

Xosé Henrique Costas González (2001) faz uma proposta de classificação dos falares de Xalma como galegos que nós vamos utilizar por ser a mais completa e rigorosa.<sup>5</sup> Segundo o professor Costas González, estas variedades linguísticas «son "galegas" en sentido amplo e histórico, aínda que com presencia clara de léxico leonés e castellano, este último mais recentemente» (COSTAS, 2001, p. 36). Note-se que, para além de considerar os falares de Xalma como galegos, existem nesta frase duas afirmações que não se justificam, como veremos: excluir a influência portuguesa, por um lado, e, por outro, reduzir a presença castelhano-leonesa apenas ao léxico, sendo, em minha opinião, muito clara a sua influência também na fonética e na morfossintaxe.

<sup>3</sup> Clarinda de Azevedo Maia faz uma excelente exposição destes problemas (v. MAIA, 2007).

<sup>4</sup> Diferentes escritos remetidos para o Conselho da Europa a propósito do "galego" da Extremadura conseguiram que este tenha aparecido no relatório da Aplicação da Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias em Espanha (Dezembro de 2008): v. os pontos 45, 46, 98 e 171.

<sup>5</sup> Anteriormente já tinha defendido esta tese em diferentes trabalhos (*cf.* COSTAS, 1992 e 1996), mas é neste artigo que faz uma descrição completa dos traços galegos que justificam tal classificação.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

Quanto à proposta de “dialecto galego”, é a consequência de ter verificado em Xalma muitos traços do galego moderno: «chegamos á conclusión de que esta falas representan dalgún xeito unha maqueta de moitos fenómenos dialectais, fonéticos, morfolóxicos e léxicos, espaxados polo noso dominio lingüístico actual» (COSTAS, 2001, p. 37).

Para estabelecer os traços característicos de Xalma, o professor Costas González utiliza o método dialectométrico proposto por Michael Metzeltin e Otto Winkelmann no *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (v. METZELTIN; WINKELMANN, 1992, pp. 28-35), mas o resultado não é bom. Basta pensar que, segundo este método, os falares de Xalma têm aproximadamente os mesmos traços coincidentes com o castelhano (59%) do que com o português (60%), sendo estas línguas supostamente mais afastadas de Xalma do que o astur-leonês (com 63% de coincidências). É evidente que não se pode usar este método para classificar os falares de Xalma, porque foi pensado para diferenciar os grandes grupos iberorromances. Uns falares que estão mesmo no ponto de união de galego-português, astur-leonês e castelhano, como é lógico, possuem traços coincidentes com todas estas línguas, os mesmos traços que foram escolhidos para as diferenciar, de modo que o resultado será sempre errado.

Segundo Xosé Henrique Costas, os falares de Xalma apresentam um vocalismo átono final [i, u] que é diferente do galego [e, o] e do português [ə, u]. É fácil de ver a confusão do professor da Universidade de Vigo: apenas teve em consideração a fonética do português padrão de tipo lisboeta nos nossos dias. As átonas finais [i, u] coincidem exactamente com o vocalismo átono geral da língua portuguesa no século XVIII, talvez anterior; e também coincidem com as vogais finais ainda existentes na variedade brasileira e com os resultados de muitos dialectos modernos portugueses mais conservadores, inclusivamente aqueles que estão em contacto com os falares de Xalma.<sup>6</sup> Um bom conhecedor das variedades europeias do português nunca poderia dizer que este é um traço diferenciador dos falares de Xalma em relação à língua portuguesa.

É verdade, porém, que as finais [i, u] são um traço característico dos falares extremos do Noroeste da província de Cáceres (*cf.* ARIZA 2008, pp. 21-22), onde se encontram as localidades de San Martín de Trevejo, Valverde del Fresno e Eljas.

---

<sup>6</sup> *Cf.* Paul Teyssier (1982, pp. 57-60) sobre a evolução do vocalismo átono final em português e também o mesmo autor (1982, pp. 80-81) sobre a evolução no Brasil.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

Devemos, portanto, advertir que esta solução histórica portuguesa (e não galega) dos falares de Xalma também se conservou por influência das variedades faladas nas aldeias vizinhas dentro de Espanha.

O traço fonético número 6 de Metzeltin e Winkelmann (1992, p. 29) é utilizado por Costas González para mostrar o afastamento dos falares de Xalma do português e a sua aproximação do galego. Neste traço comparam-se as pronúncias portuguesas do [ʎ] velar (por exemplo, em "mal"), o [R] velar ("roda, carro") e as sibilantes predorsodentais [z] e [s] ("casa, passo"). O galego e os falares de Xalma coincidem numa pronúncia diferente: o [l] alveolar em "mal", o [f] alveolar múltiplo em "roda, carro" e sibilantes apicoalveolares, nunca predorsodentais, das quais o galego apenas possui a surda [S] ("casa" e "paso"), ao passo que em Xalma podemos encontrar surda [S] ("passo") e sonora [Z] ("casa").

É fácil de ver que estes sons não são a melhor escolha que podiam ter realizado Metzeltin e Winkelmann para a diferenciação linguística na península Ibérica, dado que várias das línguas analisadas possuem várias das soluções propostas. Fazemos apenas uma análise destes sons nos falares de Xalma, em galego e em português.

A inexistência do [ʎ] velar em galego e nos falares de Xalma é, de todos estes sons, o único que verdadeiramente afasta Xalma do português. Ora, em minha opinião, é o resultado de uma moderna influência castelhana sobre o galego e sobre os falares de Xalma, porque a língua galego-portuguesa originária devia ter uma pronúncia velar de todos os *l* travantes, e devia ainda pronunciar com apoio velar secundário os *l* não travantes, como acontece em português moderno. De outro modo não se podem explicar bem evoluções do *l* como, por exemplo, nos grupos "BL- > br-", "CL- > cr-", etc.

Quanto aos outros sons, não existe diferença entre português e dialecto de Xalma. A pronúncia apicoalveolar das sibilantes [S] e [Z], para além de ser geral na língua até aos primeiros momentos da época clássica, ainda se mantém viva no Norte de Portugal. É o som popularmente conhecido como *s* beirão. De facto, foi usado por Lindley Cintra para delimitar os dialectos setentrionais do português continental. A isoglossa inclui grande parte do distrito de Castelo Branco, de tal modo que estão aí abrangidos os falares portugueses em contacto com Xalma (v. CINTRA, 1971, pp. 107-

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

108). Existe, portanto, coincidência na existência do traço fonético e continuidade geográfica.

Relativamente à pronúncia velar ou uvular do [R], apesar de ter avançado muito entre os falantes portugueses das últimas décadas, não pode ser considerada a única pronúncia normativa, pois também é assim considerada a pronúncia apicoalveolar múltipla [r̥], que coincide com aquela que encontramos nos falares de Xalma. O professor Morais Barbosa considera que se trata de "variantes individuais" não marcadas:

Quem prestar atenção notará, entre os falantes portugueses, que, na intervocálica de formas como *murro*, na inicial de formas como *rua* e na inicial da segunda sílaba de formas como *genro* ou *bilro*, uns usam uma articulação apical múltipla (vários batimentos do ápice da língua elevada em direcção aos alvéolos), outros uma articulação vibrante uvular múltipla (vários batimentos da úvula), outros ainda uma articulação constritiva dorso-uvular (o dorso da massa lingual, recuado na cavidade bucal, aproxima-se da zona onde se encontra a úvula). Estas três articulações [...] não servem para distinguir significantes idênticos em tudo o mais [...] Como o seu uso depende de hábitos individuais, são chamadas **variantes individuais** (BARBOSA, 1994, pp. 97-98).

Sabe-se, aliás, que a pronúncia uvular não foi admitida na língua padrão até época muito recente, já no século XX. Ainda em 1883, Gonçalves Viana apenas encontrava esta pronúncia uvular em casos esporádicos:

L'anticipe centrale vibrante *rr* (*r*) est le *r* inicial ou *rr* double des langues néo-latines, le français excepté. Elle est prononcée un peu plus en arrière que *r* simple, et est généralement linguale. On trouvera individuellement des *r* vibrantes uvulaires, même parmi des gens qui prononcent *r* simple comme une linguale (VIANA, 1973a, p. 102).

Mais tarde, em 1892, o mesmo autor ainda descrevia a pronúncia deste som em português do mesmo modo: «*r*; *rr*; (*R*), (*r* inicial, dobrado, e antes de *m*, *n*, *nh*, *l*, *lh*), escrito na orthografia commum *r*; *rh*, *rr*: é um *r* vibrado com a ponta da lingua, junto ao palato duro, na parte interna das gengivas, á esquerda, portanto é uni-lateral; inicial e

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

dobrado (*rr*) é mais vibrado» (VIANA, 1973b, p. 201). Em conclusão, podemos dizer que o [r] apicoalveolar múltiplo não pode ser tomado como um traço que afaste os falares de Xalma do português, dado que a pronúncia uvular [R] é muito recente na língua padrão e ainda não conseguiu substituir completamente a pronúncia tradicional.

### **Traços supostamente não portugueses**

Para além de assinalar os traços coincidentes dos falares de Xalma com o galego, o professor Costas González e outros linguistas salientam vários traços exclusivos destes falares que supostamente também os afastam do português, com o intuito de:

reforzar a idea de singularidade das falas deste val fronte ás falas veciñas portuguesas e castelás (ou castelán-leonesas) coa exposición dunha serie de trazos lingüísticos, fonéticos e léxicos fundamentalmente pero tamén morfolóxicos, para "marcar" esa fronteira permeable que existe entre as diferentes linguas e variedades iberorrománicas no territorio abrangido polo noroeste de Cáceres, suroeste de Salamanca e o centro-oriente da Beira (Sabugal e Riba-Coa) (COSTAS, 2001, p. 40).

Em primeiro lugar, foi proposto como traço exclusivo de Xalma o da evolução dos ditongos do galego-português arcaico "eu" e "ou":

A orixinalidade das falas do Ellas reside na evolución que sufriron os ditongos **eu** e **ou** cara a **ei** e **oi**: *ei, mei, tei, sei, toiru, poicu, roipa, roibar, oiru, oitra, soitu*, etc. Así mesmo rexístranse certas monotongacións, sobre todo en formas verbais: *ei he, ei sé, tampocu, chegó, estoxó*, etc., que xa detectaba Cintra no "galego" dos *Foros de Castelo Rodrigo*. (COSTAS, 2001, p. 41).

A monotongação dos ditongos decrescentes produziu-se em muitas das variedades iberorrománicas ocidentais com que os falares de Xalma estão em contacto. Foi completa em catelhano e em grande parte da área astur-leonesa. Mas é também uma tendência do português, menos completa mas muito estendida geograficamente. É, de facto, uma das características diferenciadoras da língua portuguesa em relação ao galego-português arcaico e ao galego moderno.



## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

Dentro do português, como acontece também nos falares de Xalma, os fenómenos de monotongação ("ou > o", "ei > e" e "eu > e") coincidem cronológica e geograficamente com os fenómenos de dissimilação ("ou > oi" e "ei > ai") e, ao lado destes, o caso mais raro de assimilação de "eu > ei". Isto é assim porque a dissimilação não é mais do que um processo de reacção contra a monotongação.

A região portuguesa originária destes fenómenos de dissimilação e assimilação parece que foi a região centro, que coincide geograficamente com os falares de Xalma. Lindley Cintra, para estabelecer os limites do grupo dos dialectos centro-meridionais de Portugal, escolheu por isso a isófona da monotongação de "ei", que parte exactamente do ponto que faz fronteira com o vale de Xalma. Nessa mesma região encontramos também a monotongação de "eu". Quanto à monotongação de "ou", esta ocupa actualmente uma área ainda mais extensa:

Desde já posso indicar, embora de uma maneira vaga, qual a região em que me parece registar-se o domínio de [oj] ou, para falar mais exactamente, em que são numerosas as zonas em que [oj] é particularmente abundante: essa região é o centro de Portugal, a zona entre Douro e Tejo, isto é, a zona que tem sido atravessada durante os últimos séculos, na direcção este-oeste, e seguindo paralelos cada vez mais altos, pela fronteira da monotongação de [ow], hoje já vizinha da linha do Douro. Em contraste com esta zona central, a maior parte do norte de Portugal (parecem exceptuar-se algumas partes de Trás-os-Montes) e a Galiza conservam o ditongo [ow] (a não ser casos em que [oj] é etimológico, quando, como diz Paiva Boléo, o não estendem a estes últimos). A sul do Tejo predomina a monotongação em [o], embora não sejam raras as formas isoladas em [oj] (CINTRA, 1970, p. 42).<sup>7</sup>

Parece-me surpreendente que alguns linguistas galegos não tenham relacionado os fenómenos de assimilação e dissimilação dos ditongos decrescentes de Xalma com a língua portuguesa, de onde indubitavelmente procedem, como já se fez com fenómenos semelhantes em falares galegos próximos de Portugal.<sup>8</sup> É o caso de Francisco Fernández

---

<sup>7</sup> Foi modernizada a transcrição fonética com o intuito de facilitar a leitura e a reprodução do texto.

<sup>8</sup> Os linguistas da Asociación Alén do Val fazem uma comparação dos resultados de Xalma com a língua portuguesa, mas consideram que se trata de fenómenos diferentes. Estes linguistas ignoram a realidade actual e histórica destes fenómenos em português, de tal modo que apenas utilizaram para a comparação

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

Rei, que considera que «as formas *couro*, *vasoura*, *devadoura* son consecuencia da confusión dos ditongos *oi* e *ou*, característica do portugués (*coisa*, *oiro*, *dois*) e das falas do galego de Zamora (*dois*, *toiro*, *oitro*, *coi* "couce", *foi* "fouce"» (FERNÁNDEZ, 1990, p.51).

O único fenómeno que pode levantar algum problema para ser verificado na língua portuguesa é o da dissimilação de "eu > ei". Na actualidade é frequente a assimilação de "eu > e", mas não é fácil encontrar testemunhos da dissimilação. No passado, porém, os dois fenómenos devem ter nascido juntos (como nos outros casos de assimilação e dissimilação de ditongos decrescentes). Essa é a conclusão a que chegou Paul Teyssier a partir de trabalhos anteriores de Leite de Vasconcelos:

[...] Dans la Serra de Albardos, seuls les vieillards se souvenaient qu' «autrefois on disait *mê* ou *mei* pour *meu*, *tê* ou *tei* pour *teu*, *sê* ou *sei* pour *seu*», les formes en *ei* s'employant surtout devant les noms de parenté: «*sei* pai, *tei* tio». On ne doit pas en effet considérer comme appartenant à la même catégorie la prononciation *me-i-amo* (*meu amo*), *me-i-amigo* (*meu amigo*) etc... fréquente dans l' Alentejo: il s'agit là d'un développement différent et récent, *eu* se réduisant à *ê* partout sauf à la finale, on a eu *meu amo* > *mê amo*, puis *mê amo* > *mê-i-amo* par dégagement d'un yod entre les deux voyelles en hiatus. Dans les cas cités plus haut, il s'agissait au contraire du passage de *eu* à *ei* (TEYSSIER, 1959, pp. 173-174).

Quanto a testemunhos históricos, Paul Teyssier encontra dissimilação na obra de Gil Vicente na expressão *mei amigo*, que já naquela altura era «un trait rustique véritable». Mais tarde acabou por ser usada, fossilizada, com *bofá* ou *bofé*. É assim que aparece na *Eufrosina* (*bofá mei migos*) e no *Auto da Natural Invenção* (*bofé mei migos*). Deste modo, conclui que já no século XVI «Cette expression avait donc fini par devenir une exclamation usuelle du langage familier» (TEYSSIER, 1959, p. 156).

Finalmente, vou analisar um traço que, não sendo rigorosamente galego, o professor Costas González aduz para relacionar os falares de Xalma com algumas variedades do galego oriental. Trata-se da evolução dos grupos consonânticos "-ÜLT- >

---

os resultados modernos do padrão europeu e, por conseguinte, chegaram a conclusões erradas (cf. RIOBÓ; SARTAL, 2004, pp. 78-79).

## Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

-ut-" e "-ŮCT- > ut": «Nos resultados de -ŮLT- e -ŮCT- as falas do Ellas vencéllanse directamente coas solucións normais no sueste do dominio galego e nalgunha parte do oriente [...]» (COSTAS, 2001, p. 42). Chama a atenção, também neste caso, não ter relacionado a evolução destes grupos com a língua portuguesa, dado que existe coincidência completa. O galego, por sua vez, salvo nas variedades antes aludidas, conserva iode nos resultados destes grupos consonânticos, como podemos apreciar no seguinte quadro elaborado com os exemplos de Xosé Henrique Costas (2001, p. 42):

Xalma	Português	Galego
<i>truta</i>	<i>truta</i>	<i>troita/truita</i>
<i>luta</i>	<i>luta</i>	<i>loita/luita</i>
<i>escutar</i>	<i>escutar</i>	<i>escoitar/escuitar</i>
<i>cutelo</i>	<i>cutelo</i>	<i>coitelo/cuitelo</i>

Salvo no caso de MŮLTU(M), o fenómeno da redução do ditongo "ui" em português é geral. Acontece antes de *t*, como nos casos anteriores: «O *i* de *it* geralmente caiu quando precedido de *u*: *trŮctam* > *truita* > *truta*; *frŮctum* > *fruito* > *fruto*. E contraiu-se com um *i* precedente: *\*dŮctum* > *dito*» (WILLIAMS, 1975, p. 95). E acontece também nos outros casos de ditongo "ui" histórico: «À parte certos dialetos em que o estágio intermediário *ui* sobrevive, a tendência geral é a de *ui*, qualquer que seja sua origem, reduzir-se a *u*, e.g., *commŮnes* > *comŮes* > *comuns*; *plŮuiam* > *chuiva* > *chuva*» (WILLIAMS, 1975, p. 51).

Quanto ao caso de MŮLTU(M), devemos ser precavidos. Supostamente, o resultado em português (*muito*) é diferente do resultado nos falares de Xalma (*mutu* ou *mutu*). O galego moderno apresenta a forma *muito/moito*, também diferente de Xalma, mas existe a forma *mutu* no extremo suroriental do galego. Contudo, ao lado da forma *muito*, está documentada em português a forma *mutu* desde o século XV.<sup>9</sup> Para além disso, é de uso popular (nasalada) na actualidade em toda a extensão da língua portuguesa – em Portugal ou no Brasil, bem como nos outros países de fala portuguesa.

<sup>9</sup> O *Dicionário Houaiss* data a forma *munto* [sic] do século XV. Note-se que a pronúncia nasalada é também vulgar no português moderno, do mesmo modo que é nasalada a pronúncia da forma *muito* (cf. HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, s.v. *muito*).

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

De facto, a dificuldade não é explicar a forma *muto/munto*, mas explicar como se conservou o ditongo em *muíto*. Segundo Edwin B. Williams, houve influência da forma apocopada *mui*: «O tónico do lat. vulg. + *lt* > *ut*: *ausculto* > *ascuito* > *escuto*; *mũltum* > *muíto*; *uũlturem* > *abuitre* > *abutre*», sendo que o «estágio intermediário *ui* foi preservado em *muíto* pela influência da forma apocopada *mui*» (WILLIAMS, 1975, p. 51). Apesar disto, Williams (1975, p. 99) não deixa de referir a existência da «forma popular *muto*», cuja evolução é perfeitamente regular:

Se o *i* de *it* se tornava nasalizado, um *n* consonantal se desenvolvia e o *i* caía: *benedĩctum* > *beẽeito* > *bẽito* > *bento*; *hac nõctem* > *\*a nocte* > *aõite* > *oonte* > *ontem*; *pectĩnem* > *peitẽ* > *pẽitẽ* > *pentem* > *pente*. A mesma modificação ocorria quando o *i* era de origem diferente: port. *muíto* > *munto* (popular) (WILLIAMS, 1975, p. 94).

Bastam estes exemplos para verificar que existem muitos traços nos falares de Xalma que coincidem com o português – quer com o português padrão, quer com as variedades portuguesas centro-meridionais com que aqueles estão em contacto. É evidente que o método dialectométrico de Metzeltin e Winkelmann não é o mais adequado para estabelecer a filiação deste dialecto galego-português da Extremadura espanhola, mas, apesar disso, uma revisão dos traços aí propostos não o afasta do português e aproxima-o do galego na medida em que o professor Costas González deduz da sua análise. Uma comparação rigorosa e demorada da língua portuguesa com os falares de Xalma revela que estes sofreram uma notável influência daquela, o que não podia ser de outro modo, dado que foi o português que "acompanhou", histórica e geograficamente, os falares de Xalma desde a chegada dos colonos galegos e leoneses durante a Reconquista até aos nossos dias.

### **Referências bibliográficas**

ARIZA VIGUERA, Manuel (2008): *Estudios sobre el extremeño*, Cáceres, Universidad de Extremadura.

BARBOSA, Jorge Morais (1994): *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*, Coimbra, Livraria Almedina.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (2000): "Las hablas de Jálama entre los dialectos fronterizos extremeños" in Antonio Salvador Plans, María Dolores García Oliva, Juan M. Carrasco González (coords.), *Actas del I Congreso sobre A Fala*, Mérida, Gabinete de Iniciativas Transfronterizas – Editora Regional de Extremadura, pp. 143-156.

CINTRA, Luís F. Lindley (1959): *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do séc. XIII*, Lisboa.

CINTRA, Luís F. Lindley (1970): "Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico" in *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica (1958)*, Rio de Janeiro. Citamos a partir da edição posterior in *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1983, pp. 35-54.

CINTRA, Luís F. Lindley (1971): "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses", *Boletim de Filologia*, XXII, pp. 81-116. Publicado mais tarde em *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1983.

COSTAS GONZÁLEZ, Xosé Henrique (1992): "Breve caracterización das falas (fundamentalmente galegas) do Val do Río Ellas", *Cadernos da Lingua*, 6, pp. 85-108.

COSTAS GONZÁLEZ, Xosé Henrique (1996): "O galego de Extremadura: as falas do Val do Río Ellas" in Juan M. Carrasco González e Antonio Viudas Camarasa (eds.), *Actas del I Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera (Cáceres, 1 al 3 de diciembre de 1994)*, Cáceres, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, pp. 581-589.

COSTAS GONZÁLEZ, Xosé Henrique (2001): "Fronteiras lingüísticas no Val do Río Ellas (Cáceres)", *Revista de Filología Románica*, 18, pp. 35-50.

FERNÁNDEZ REI, Francisco (1990): *Dialectoloxía da Lingua Galega*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello (2001): *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Instituto Antônio Houaiss, Versão 1.0.

IGLESIAS OVEJERO, Ángel (1982): *El habla de El Rebollar*, Salamanca, Diputación Provincial de Salamanca – Universidad de Salamanca.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 9 – Falares fronteiriços: contactos e línguas.

MAIA, Clarinda de Azevedo (1977): *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla*, Coimbra, Suplemento IV da *Revista Portuguesa de Filologia*.

MAIA, Clarinda de Azevedo (2007): “Os falares fronteiriços da Região de Xalma”, *Linguística*, 19, pp. 133-151.

METZELTIN, Michael; WINKELMANN, Otto (1992): *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, vol. VI, t. I.

MONTERO CURIEL, Pilar (2006): *El extremeño*, Arco Libros, Madrid.

RIOBÓ SANLUÍS, Benjamín; SARTAL LORENZO, Miguel Anxo (2004), coords.: A. C. Alén do Val, *Fala e Cultura d' Os Tres Lugaris. Valverde do Fresno, As Ellas, San Martín de Trebello (Cáceres)*, Noia, Toxosoutos.

TEYSSIER, Paul (1959): *La langue de Gil Vicente*, Paris, Librairie C. Klincksieck.

TEYSSIER, Paul (1982): *História da Língua Portuguesa*, Tradução de Celso Cunha, Lisboa, Sá da Costa Editora.

VIANA, A. R. Gonçalves (1973a): "Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte de Lisbonne" in *Estudos de Fonética Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 83-152.

VIANA, A. R. Gonçalves (1973b): "Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros" in *Estudos de Fonética Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 153-257.

WILLIAMS, Edwin B. (1975): *Do latim ao português. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*, Tradução de Antônio Houaiss, 3<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.